

## **Administração desnorteada? Uma revisão sistemática sobre a perspectiva decolonial e os estudos em organizações**

**Northless management? A systematic review of the decolonial perspective and organization studies**

**¿Administración sin norte? Una revisión sistemática de la perspectiva descolonial y los estudios en las organizaciones**

Recebido: 05/01/2022 | Revisado: 09/01/2022 | Aceito: 18/01/2022 | Publicado: 19/01/2022

**Fábio Louredo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-5172>

Universidade do Grande Rio, Brasil

E-mail: [f\\_louredo@yahoo.com.br](mailto:f_louredo@yahoo.com.br)

**Thiago Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1704-3608>

Universidade do Grande Rio, Brasil

E-mail: [thiaguhc@gmail.com](mailto:thiaguhc@gmail.com)

### **Resumo**

A hegemonia do conhecimento em administração a partir de um paradigma funcionalista sociológico tem resultado em um cenário de longa duração de assimetria e injustiça no campo de administração/gestão. Não obstante, a perspectiva decolonial tem ganhado terreno com trabalhos recentes que fazem uso da abordagem na ampliação de agendas de pesquisa em administração. Este trabalho indagou quais são as possibilidades do uso das perspectivas decoloniais na administração/gestão presentes na literatura da área e para isso uma revisão sistemática de literatura foi realizada. Os resultados revelam que pesquisadores tem obtido êxito em debater diversos temas sob a luz da perspectiva decolonial. Trazemos como contribuição teórica o entendimento de que o reforço da dicotomia Norte-Sul ou a posição essencialista radical não é o caminho apontado pelos artigos e defendemos que o estar “desnorteado” é importante, no sentido de desvincular o Norte como ponto de referência principal, porém sem ignorá-lo.

**Palavras-chave:** Administração/gestão; Perspectiva decolonial; Revisão sistemática.

### **Abstract**

The hegemony of knowledge in administration from a sociological functionalist paradigm has resulted in a long-term scenario of asymmetry and injustice in the administration/management field. Nevertheless, the decolonial perspective has gained ground with recent works that use the approach to expand research agendas in administration. This work asked the possibilities of using decolonial perspectives in administration/management present in the area literature and, for this, a systematic literature review was made out. The results reveal that researchers have been successful in debating several themes under the light of a decolonial perspective. We bring as a theoretical contribution the understanding that the reinforcement of the North-South dichotomy or the radical essentialist position is not the path pointed out by the articles and we defend that being “northless” is important, in the sense of delinking the North as the main reference point, but without ignoring it.

**Keywords:** Management; Decolonial perspective; Systematic review.

### **Resumen**

La hegemonía del conocimiento en la administración desde un paradigma funcionalista sociológico se ha traducido en un escenario de largo plazo de asimetría e injusticia en el ámbito de la administración / gestión. Sin embargo, la perspectiva descolonial ha ganado terreno con trabajos recientes que utilizan el enfoque para expandir las agendas de investigación en la administración. En este trabajo se preguntó cuáles son las posibilidades de utilizar las perspectivas descoloniales en la administración/gestión presentes en la literatura del área y, para ello, se realizó una revisión bibliográfica sistemática. Los resultados revelan que los investigadores han logrado debatir varios temas a la luz de una perspectiva descolonial. Traemos como aporte teórico el entendimiento de que el reforzamiento de la dicotomía Norte-Sur o de la posición radical esencialista no es el camino señalado por los artículos y defendemos que estar “sin norte” es importante, en el sentido de desvincular al Norte como el principal punto de referencia, pero sin ignorarlo.

**Palabras clave:** Administración/gestión; Perspectiva decolonial; Revisión sistemática.

## 1. Introdução

A hegemonia do conhecimento em administração a partir de um paradigma funcionalista sociológico e seu alinhamento com a ciência positivista tendem a criar rótulos nos conhecimentos produzidos na área (Costa et al., 2010; Juncklaus et al., 2016). Abdalla e Faria (2017) afirmam que o contexto de radical universalização da hiper-modernidade eurocêntrica tem resultado em um cenário de longa duração de assimetria e injustiça no campo de administração/gestão. Apesar disso, uma maior pluralidade de abordagens na administração pode ser observada nos últimos anos, gerando um crescimento nos movimentos de ampliação do escopo e das bases dos estudos na área, principalmente naqueles de cunho crítico (Serva, 2017).

Ao mapear o estado da arte da epistemologia em administração no Brasil, Serva (2017) apresenta oito dimensões nas quais se distribuem os estudos recentes na área. Tais dimensões são: 1) Abordagens epistemológicas centradas no pragmatismo e nas práticas organizacionais; 2) Debate sobre opções epistêmicas e filosóficas; 3) Racionalidade; 4) Problemática da instituição escolar e do ensino; 5) Administração pública; 6) História e organizações; 7) Abordagem decolonial; 8) Análise da inovação (Serva, 2017).

Dessas, destacamos a abordagem decolonial como uma opção para desnortear o conhecimento em administração. Entendemos que desnortear é entender que “toda produção científica estrangeira é, em princípio, subsidiária” (Ramos, 1996, p. 83) e, portanto, que o estar “desnorteados” é importante, no sentido da desvinculação do Norte como ponto de referência principal. No entanto, desvincular-se não é abandonar ou ignorar. Em vez disso, desvincular é trazer “para o primeiro plano outras epistemologias, outros princípios de conhecimento e compreensão e, conseqüentemente, outras economias, outras políticas, outras éticas” (Mignolo, 2007b, p. 453, tradução nossa).

Tal perspectiva é fruto do giro decolonial, que é um movimento originário das ciências sociais e que traz para o centro do debate a questão da colonização como um componente constitutivo da modernidade. Nesse sentido, a descolonização é ação que apresenta um número indefinido de estratégias e formas de contestação da hegemonia atual nas formas de poder, ser e saber (Maldonado-Torres, 2008). O giro decolonial reúne autores que discordam da visão eurocêntrica de mundo e seu respectivo historicismo, criando um movimento de resistência à lógica da modernidade/colonialidade que se manifesta no campo epistemológico (Ballestrin, 2013). Seja na forma analítico-acadêmica, ou como movimento de um grupo/rede de pesquisadores, o giro decolonial pode ser entendido como um projeto relativamente recente nas ciências sociais (Bernardino-Costa, 2018).

Consoante Ballestrin (2013), a rede de pesquisadores que se uniram em torno da perspectiva decolonial formou o grupo conhecido como Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (M/C/D), tendo como alguns de seus pensadores mais profícuos Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Immanuel Wallerstein, Nelson Maldonado Torres, Walter Mignolo, dentre outros. O M/C/D defende um programa de investigação e compartilha a visão do sistema mundial moderno colonial como o conjunto de processos e formações sociais que acompanham o colonialismo moderno e as modernidades coloniais. A abertura ao pluralismo possibilitada pelas perspectivas decoloniais e a adoção de epistemologias que advém do Sul Global permitem aos pesquisadores adotar conhecimentos e saberes que normalmente seriam desconsiderados por epistemologias dominantes (Santos, 2010). As epistemologias do sul são o “conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante” (Santos, 2010, p.7). Estas intervenções visam valorizar os saberes locais e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (Santos, 2010).

A percepção sobre a dicotomia Norte-Sul permeou os estudos na Administração. A hegemonia dos países do Norte Global na produção e disseminação de conhecimento em gestão e organizações foi alvo de estudos que apontaram para uma grande presença de teorias e modelos de gestão produzidos no contexto dos países hegemônicos sendo aplicados e utilizados

como referências nas práticas e pesquisas locais (Martins et al., 2013; Vergara & Pinto, 2001). Este cenário reforça a hierarquização do sistema-mundo na produção de conhecimento em gestão, relegando ao conhecimento local a uma posição subalterna (Bertero et al., 2005; Alcadipani & Rosa, 2010; Rosa & Alves, 2011; Wanderley & Barros, 2018). Ademais, Mignolo (2011) destaca que a modernidade euro-estadunidense promove uma divisão internacional na produção de conhecimento na qual só o Norte produz ciência e o Sul produz folclore.

A perspectiva decolonial tem ganhado terreno com trabalhos recentes que fazem uso da abordagem e sua opção é defendida como possibilidade de construção de agendas de pesquisa no e partir do Brasil (Adballa & Faria, 2017). Nesse sentido, este artigo parte da seguinte pergunta: quais são as possibilidades do uso das perspectivas decoloniais na administração/gestão presentes na literatura da área? Para responder a tal questão, realizou-se uma revisão sistemática (RS) da literatura, precisamente, aos estudos nos quais os pesquisadores analisaram aspectos da área gestão sob a ótica decolonial.

O artigo está dividido em quatro etapas: inicialmente será descrita a estratégia metodológica adotada para a revisão sistemática; em seguida são demonstrados os dados obtidos na revisão; a terceira etapa discute os resultados da busca; e, finalmente, são tecidas reflexões sobre os principais achados da revisão, bem como os seus desdobramentos para os estudos em administração.

## 2. Metodologia

A RS da literatura possibilita uma busca planejada, explícita e replicável de trabalhos sobre um tema de interesse, tópico claramente definido ou questão de pesquisa (Silva, 2019). A RS tem um papel importante no avanço do conhecimento ao destacar marcos de progresso ao longo de linhas específicas de investigação e indicar caminhos para agendas de pesquisas subsequentes (Hallinger, 2013). Uma RS tem como principal objetivo fornecer uma análise tanto quantitativa quanto qualitativa acerca das evidências relevantes sobre um tema. Além disso, um dado tema emergente que seja detentor de elevado potencial de interesse demanda revisões sistemáticas (Silva, 2019).

Segundo Hallinger (2013), as principais características de uma RS são: uso de métodos explícitos e transparentes; padrão de conjunto de estágios na pesquisa; replicabilidade; e envolvimento do pesquisador para garantir que os relatórios sejam relevantes. Conforme a recomendação PRISMA (Moher et al., 2009), a revisão sistemática deve ocorrer em cinco fases, por meio da: 1º identificação de problema; 2º seleção da literatura; 3º avaliação dos dados; 4º análise dos estudos; e 5º apresentação da revisão.

Na literatura que trata dos protocolos de RS existem alguns instrumentos para avaliar a qualidade metodológica da RS. Um dos mais utilizados e validados em diversas publicações é o *Assessment of Multiple Systematic Reviews* (AMSTAR). Apesar de serem voltados para a área das ciências de saúde, alguns critérios adaptados do AMSTAR por Costa, Zoltowski, Koller e Teixeira (2015) foram seguidos na RS, quais sejam: 1) o objetivo de pesquisa deve estar claramente descrito antes do começo da revisão; 2) os descritores e os operadores booleanos, quando utilizados, devem ser indicados; 3) recortes temporais na busca, se realizados, devem ser descritos de forma clara; 4) a data em que foi realizada a busca deve ser descrita; 5) no mínimo, duas bases de dados eletrônicas devem ser utilizadas; e 6) a forma de avaliação da qualidade dos estudos revisados deve ser relatada.

A operacionalização da RS seguiu os procedimentos da recomendação PRISMA, (Moher et al., 2009) que orienta a identificação, triagem, elegibilidade e a seleção dos artigos. Na fase de identificação, foram selecionados artigos das bases de dados Scielo e Spell (nacionais) e Scopus, Ebsco e Web of science (internacionais). Os termos da busca foram (decolonial OU descolonial OU decolonialidade) E (gestão OU administração OU negócios OU organização) e suas respectivas versões para o inglês (decolonial OR decoloniality) AND (management OR administration OR business OR organization). Os termos foram buscados no título, no resumo e nas palavras-chaves. Foram utilizados operadores booleanos AND/E que retornam resultados

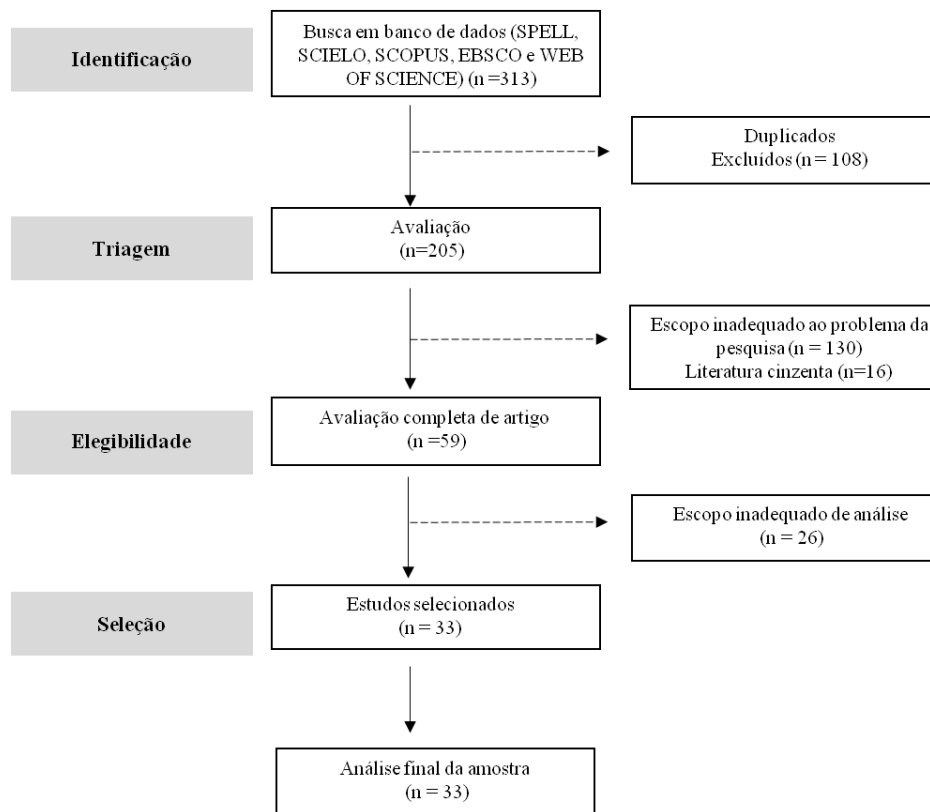
em que ambas as palavras estejam, mesmo que muito separadas e OR/OU com objetivo de ampliar a pesquisa, retornando resultados com qualquer uma das palavras (Villegas, 2003). Essa estratégia visou o maior retorno de trabalhos, já que a perspectiva decolonial é um tema emergentes nas ciências sociais (Ballestrin, 2013) e na administração (Abdalla & Faria, 2017; Serva, 2017). A busca foi realizada em dezembro de 2021 e foram encontrados 159 artigos na Scopus, 88 na Ebsco, 29 na Web of Science, 19 na Scielo e 18 na Spell, totalizando 313 artigos. Na triagem dos artigos, as informações foram exportadas para uma planilha de análise *Excel*, com os dados de autores, ano, título, revista, resumo e palavras-chave para a revisão geral dos trabalhos retornados e exclusão de duplicidades.

Na identificação dos trabalhos 108 artigos retornados em duas ou mais bases foram retirados, totalizando 205 artigos para a etapa de triagem. Na triagem foram lidos os resumos e palavras chaves, e os critérios foram: quanto ao tipo de estudo - aqueles que relacionam a perspectiva decolonial à administração/gestão e/ou organizações, sejam teóricos ou empíricos, publicados em revistas científicas; recorte temporal e idioma – não houve recorte temporal e os artigos deveriam ter como idioma o português, espanhol ou inglês. Além disso, 16 resultados referentes à literatura cinzenta, como capítulos de livros e editoriais, foram excluídos.

Após tal análise, 130 artigos foram retirados, pois apresentavam escopo inadequado ao problema da pesquisa. Muitos retornos não relacionados ao escopo da pesquisa faziam referências ao termo *descolonial*. O descritor em inglês *decolonial* e *decoloniality* pode retornar resultados como *descolonial* ou *descolonialidade*, porém a ausência da letra "s" marcaria a distinção entre o projeto decolonial do grupo Modernidade/Colonialidade (o projeto decolonial não pretende simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial, passando de um momento colonial a um não colonial) e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria. Assim, em geral, o descritor *descolonial* retornado nas buscas estava inserido em outra genealogia de pensamento (Walsh, 2010; Ballestrin, 2013).

Na fase de elegibilidade, os 54 resultados restantes foram analisados com maior profundidade. Foram avaliados os títulos, resumo, palavras-chaves, introdução, conclusão, as referências do manuscrito e escopo da revista publicadora, sendo selecionados na análise completa os 33 artigos que se mostraram mais alinhados ao problema definido. O fluxo sistemático está ilustrado conforme Figura 1.

**Figura 1:** Fluxograma da Pesquisa Baseado no Método PRISMA.



Fonte: Adaptado de Moher et al. (2009).

### 3. Resultados

Os 33 artigos selecionados foram agrupados na Tabela 1 em trabalhos teóricos ou empíricos e por data de publicação. Podemos perceber que a perspectiva decolonial apresenta uma evolução nos resultados, desde os primeiros artigos teóricos de Faria, Ibarra-Colado e Guedes (2010) e Imasato (2010) até os primeiros artigos empíricos de Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017) e Hemais (2019). O ano de 2021 é o mais profícuo no tema, o que aponta para a acentuação nas publicações de artigos teóricos e empíricos nos últimos anos.

**Tabela 1:** Ano de publicação e tipos de artigo.

Ano	2010	2013	2014	2015	2017	2019	2020	2021
Teórico	2	1	1	1	3	3	6	7
Empírico	N/A	N/A	N/A	N/A	1	1	2	5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Seguindo os critérios da AMSTAR adaptados por Costa et al. (2015), optamos pelo Qualis Periódicos da CAPES 2013-2016 na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, para a avaliação da qualidade dos artigos analisados. Esta opção levou em consideração que este é o critério utilizado para a avaliação da qualidade da produção acadêmica nacional junto à CAPES. Após seleção final dos artigos podemos observar que 18 artigos foram publicados em revistas nacionais e 15 artigos em revistas internacionais. A maioria dos resultados (23 artigos) está situada no estrato “A” do Qualis, enquanto que os restantes (7 artigos) são do estrato “B”. Isto aponta para as possibilidades para a utilização das

perspectivas decoloniais em publicações em revistas bem conceituadas, sejam nacionais ou internacionais. A quantidade de artigos por revista e o respectivo estrato podem ser observados na Tabela 2.

**Tabela 2:** Quantidade de artigos e Qualis.

	<b>Nacionais</b>	<b>Internacionais</b>
	Cadernos EBAPE.BR (5 – A2)	Critical Perspectives on International Business (4 – A2)
	Revista de Administração de Empresas (4 – A2)	Cuadernos de Administración (1 – B1)
	Revista de Administração Contemporânea (2 – A2)	Education Policy Analysis Archives (1 – A2)
	Organizações & Sociedade (2 – A2)	Gender, Work and Organization (1 – A2)
	Revista interdisciplinar de Marketing (2 – B4)	Journal of Business Ethics (1 – A1)
<b>Revistas</b>	Brazilian Business Review (1 – A2)	Journal of Historical Research in Marketing (1 – N/D)
	Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (1 – B1)	Journal of Macromarketing (1 – A1)
	Sociedade, Contabilidade e Gestão (1 – B2)	Academic Journal of Interdisciplinary Studies (1 – N/D)
		Management (France) (1 – B3)
		Management and Organizational History (1 – B1)
		Marketing Theory (1 – N/D)
		Organization (1 – A1)

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Qualis (2013-2016).

Para a análise e agrupamento temático dos resultados, alguns temas centrais emergiram dos artigos. Optamos por agrupar os trabalhos em seis eixos temáticos conforme Tabela 3. Esta estratégia colaborou na identificação das principais áreas em que a perspectiva decolonial tem sido adotada nos estudos em administração. Este critério priorizou a temática central de cada artigo, mas não é mutuamente excludente, já que os outros temas são comuns nos trabalhos encontrados, como a hegemonia euroestadunidense no conhecimento em organizações e o silenciamento do conhecimento produzido localmente. Por ser uma abordagem essencialmente epistemológica (Serva, 2017), o tema ‘Novas perspectivas epistemológicas e/ou críticas em organizações’ é o mais recorrente nos resultados, concentrando 11 artigos. Mesmo em disciplinas reconhecidamente positivistas como o marketing (Sauerbronn et al., 2012), a perspectiva decolonial se revela como uma opção viável nos trabalhos da área, totalizando 7 artigos. O tema ‘Feminismo e Diversidade’ apresentou todos os 4 resultados publicados em 2021, demonstrando a possibilidade da inserção da perspectiva decolonial nas necessárias e recentes discussões sobre uma temática que historicamente se distanciou dos estudos organizacionais brasileiros (Rosa, 2014). O tema ‘Gestão Internacional’ discute a geopolítica do conhecimento e a construção de diálogos Sul-Norte e apresentou 4 artigos. O tema ‘História crítica das organizações’ representa a formação de um campo de pesquisa no Brasil e a inserção de outras geografias

para além do mundo anglo-saxão na virada histórica em estudos organizacionais (EOR) (Costa & Wanderley, 2021; Wanderley & Barros, 2018), apresentando 4 artigos. Fechando os temas, ‘Gestão universitária e ensino em administração’ apresentou 3 artigos que abordam metodologias inovadoras de gestão e de ensino com base em epistemologias decoloniais.

**Tabela 3:** Artigos e temas abordados.

Temas	Artigos
Novas perspectivas epistemológicas e/ou críticas em organizações	Faria e Wanderley (2013); Abdalla e Faria (2017); Silva e Guedes (2017); Bauer, Faria e Wanderley (2019); Couto, Honorato e Silva (2019); Couto, Palhares e Carrieri (2020); Figueiredo, Marquesan, e Imas (2020); Silva, André, Wanderley, e Bauer (2020); Wanderley e Bauer (2020); Irigaray, Celano, Fontoura e Maher (2021); Faria, Abdalla e Guedes (2021).
Marketing	Faria e Hemais (2017); Hemais (2019); Faria e Hemais (2020); Rodrigues e Hemais (2020); Hemais e Santos (2021); Rodrigues (2021); Louredo e Oliveira (2021).
Feminismo e Diversidade	Manning (2021); Teixeira, Oliveira, Diniz e Marcondes (2021); Paludi, Barragan e Mills (2021); Paludi, Mills, Helms e Mills (2021).
Gestão Internacional	Faria, Ibarra-Colado e Guedes (2010); Imasato (2010); Alcadipani e Faria (2014); Yousfi (2021).
História crítica das organizações	Wanderley (2015); Wanderley e Barros (2018); Perez-arrau, Espejo, Mandiola, González e Toro (2020); Silva e Santos (2021).
Gestão universitária e ensino em administração	Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017); Bizarria, Tassigny, Barbosa e Freire (2020). Omodan (2021).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Um dos autores pioneiros e com grande participação nas publicações que trabalham com a perspectiva decolonial é Alexandre Faria. O autor consegue transitar em temas como ‘Novas perspectivas epistemológicas’, ‘Marketing’, ‘Gestão internacional’ e ‘Ensino em administração’, sendo o artigo de Faria, Ibarra-Colado e Guedes (2010) o trabalho com data de publicação mais antiga da RS. O artigo de Abdalla e Faria (2017) pode ser considerado um tratado em defesa da opção decolonial em administração e é citado por outros 52 trabalhos acadêmicos no *google scholar*<sup>1</sup>. O autor Sergio Wanderley aparece com 6 publicações nos temas ‘Novas perspectivas epistemológicas’ e ‘História crítica das organizações’, sendo neste último um dos primeiros autores a expandir a temática com a inserção da perspectiva decolonial e do pensamento social brasileiro. Outro autor de destaque é Marcus Hemais com 5 publicações, todas na temática do marketing. O autor cumpre o desafio de inserir a lente decolonial em uma disciplina reconhecidamente *mainstream*. A Tabela 4 elenca os autores com mais publicações na RS. Os demais autores retornados na RS reúnem 3 ou menos trabalhos publicados nos temas propostos.

**Tabela 4:** Autores com mais publicações.

Autor	Filiação	Publicações
Alexandre Faria	FGV/ EBAPE	8
Sérgio Wanderley	Unigranrio	6
Marcus Hemais	PUC/RJ	5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os 33 artigos da RS trabalham com diferentes conceitos dentro do giro decolonial. Na Tabela 5 apresentamos os principais conceitos decoloniais trabalhados nos artigos da RS que são articulados com os 6 temas identificados nos trabalhos.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em dezembro/2021

Por ser uma perspectiva que reúne pensadores de diferentes áreas e nacionalidades, o grupo M/C/D é interdisciplinar por natureza (Ballestrin, 2013). Desta maneira alguns artigos da RS articulam mais de um conceito decolonial em suas discussões teóricas, assim, optamos por apresentar na Tabela 5 aqueles que apresentam um conceito predominante.

**Tabela 5:** Principais conceitos decoloniais e articulação com estudos em administração

Conceitos decoloniais	Artigos
Border thinking – Mignolo e Tlostanova (2006)	Faria, Ibarra-Colado e Guedes (2010); Bauer, Faria e Wanderley (2019); Wanderley, e Bauer (2020); Irigaray, Celano, Fontoura e Maher (2021).
Geopolítica do conhecimento – Mignolo (2005)	Faria e Wanderley (2013); Alcadipani e Faria (2014); Wanderley e Barros (2018); Hemais (2019).
Colonialidade do poder, saber e ser – Lander (2005); Quijano (2005)	Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017); Rodrigues e Hemais (2020); Silva, André, Wanderley e Bauer (2020); Rodrigues (2021).
Transmodernidade – Dussel (1993)	Abdalla e Faria (2017); Faria e Hemais (2017); Faria e Hemais (2020); Hemais e Santos (2021); Faria, Abdalla e Guedes (2021).

Fonte: Elaborado pelos autores.

O *border thinking* ou pensamento fronteiro é uma maneira de ser e de existir de todos aqueles e aquelas que habitam na borda, ou seja, na fronteira que separa e une colonialidade e modernidade. O pensamento fronteiro é o pensamento que afirma o espaço negado pelo pensamento da modernidade, assumindo uma epistemologia de fora para gerar o externo a partir do interno (Mignolo & Tlostanova, 2006). O conceito de geopolítica do conhecimento assume que todo o conhecimento parte de localizações geográficas com estreita relação com as localizações epistemológicas, fundamentadas na colonialidade do poder e na diferença colonial (Mignolo, 2005). A colonialidade do poder expressa que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo. Já a ideia de raça e a hierarquização dos povos constituem a colonialidade do ser (Quijano, 2005). A colonialidade do saber entende que o conhecimento e as ciências sociais são concebidos por racionalidades coloniais/imperiais que legitimam o projeto neoliberal, através da separação entre o homem, a natureza, a razão, o mundo e a “presumida” universalidade de saberes produzidos em um lugar de enunciação privilegiado da Europa (Lander, 2005). A transmodernidade exprime a ideia da construção de um projeto mundial de libertação da Alteridade Moderna por meio do estabelecimento de diálogos interculturais e simétricos (Dussel, 1993).

A Tabela 6 sintetiza as principais contribuições dos artigos da RS na identificação das possibilidades da perspectiva decolonial na administração. As contribuições foram divididas nos 6 temas propostos neste trabalho e representam as principais articulações dos artigos para a utilização da perspectiva decolonial na ampliação do leque de abordagens críticas na administração.

**Tabela 6:** Possibilidades da perspectiva decolonial em organizações.

Temas	Principais contribuições
Novas perspectivas epistemológicas e/ou críticas em organizações	<p><b>Faria e Wanderley (2013)</b> propõem a construção de uma área de estudo em estratégia no (a partir do) Brasil que considere a geopolítica do conhecimento em gestão.</p> <p><b>Abdalla e Faria (2017)</b> identificam a assimetria e injustiça no campo de administração/gestão e defendem a opção decolonial no âmbito acadêmico, educacional e social.</p> <p><b>Silva e Guedes (2017)</b> apresentam a ética do <i>Buen Vivir</i> como alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento.</p> <p><b>Bauer, Faria e Wanderley (2019)</b> discutem as contribuições de Guerreiro Ramos e Celso Furtado, sob o conceito de <i>border thinking</i>, para melhor compreensão das organizações na América Latina.</p> <p><b>Couto, Honorato e Silva (2019)</b> propõem uma articulação teórica dos estudos decoloniais com a abordagem teórico-</p>



Temas	Principais contribuições
	<p>metodológica da teoria da prática.</p> <p><b>Figueiredo, Marquesan, e Imas (2020)</b> adotam a crítica decolonial e inserem reflexões sobre o desenvolvimento e as contribuições sobre a questão do Antropoceno nos EOR.</p> <p><b>Wanderley e Bauer (2020)</b> revelam as possibilidades que o conceito de perspectivismo ameríndio oferece aos EOR e inserem os pensamentos de Oswald de Andrade e Viveiros de Castro para expandir os estudos decoloniais.</p> <p><b>Couto, Palhares e Carrieri (2020)</b> fazem uso do olhar decolonial para o entendimento das práticas de <i>whistleblowing</i> nas organizações como impulso de alteridade e responsabilidade com o outro.</p> <p><b>Silva, André, Wanderley e Bauer (2020)</b> apresentam as contribuições da obra de Josué de Castro para expandir a participação de autores nacionais na opção decolonial e nos EOR.</p> <p><b>Irigaray, Celano, Fontoura e Maher (2021)</b> examinam o ditado “pra inglês ver” de uma perspectiva decolonial e introduzem o conceito de resistência por reexistência que auxilia na compreensão da resistência organizacional.</p> <p><b>Faria, Abdalla e Guedes (2021)</b> propõem um <i>framework</i> transmoderno crítico/decolonial, que visa a recuperação da relevância ampliada da “administração/gestão” por meio de dinâmicas de reapropriação para a de-subalternização do invisibilizado engajado com a práxis transmoderna.</p>
Marketing	<p><b>Faria e Hemais (2017)</b> examinam como abordagem da base da pirâmide incorpora a radicalização da colonialidade global e apontam a crítica decolonial como potencial para um mundo pluriversal.</p> <p><b>Hemais (2019)</b> utiliza a perspectiva decolonial para analisar a história da criação do Código de Defesa do Consumidor (CDC) e as influências eurocêtricas neste processo.</p> <p><b>Faria e Hemais (2020)</b> revelam, com base na transmodernidade libertadora decolonial, que o conceito de Novo Consumerismo Global está incorporado por histórias dominantes que negam o lado racista/colonialista do capitalismo liberal.</p> <p><b>Rodrigues e Hemais (2020)</b> analisam as influências colonialistas na incorporação de um modelo eurocêntrico de autorregulamentação na criação do Sistema Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária.</p> <p><b>Hemais e Santos (2021)</b> estudam o caso da Proteste e o seu alinhamento ao movimento consumerista eurocêntrico. Do ponto de vista decolonial, revelam que este alinhamento pode não atender as necessidades locais.</p> <p><b>Rodrigues (2021)</b> apresenta a perspectiva decolonial como uma teoria que poderia coexistir com os estudos históricos críticos pluralistas em Marketing, em particular as Colonialidades do Poder, do Conhecimento e do Ser.</p> <p><b>Louredo e Oliveira (2021)</b> utilizam os conceitos de colonialidade do saber e <i>hybris del punto cero</i> para analisar as origens históricas e geopolíticas da disciplina de marketing e apontam alternativas para construção de uma agenda de pesquisa orientada ao contexto brasileiro.</p>
Feminismo e Diversidade	<p><b>Manning (2021)</b> integra a teoria feminista decolonial com os EOR para desafiar o silenciamento das vozes das mulheres do Sul Global na disciplina.</p> <p><b>Teixeira, Oliveira, Diniz e Marcondes (2021)</b> discutem o papel das revistas acadêmicas para a inclusão e a diversidade. Com base na decolonialidade apontam para um caminho de reflexão-ação para o campo.</p> <p><b>Paludi, Barragan e Mills (2021)</b> examinam, com base na teoria feminista decolonial, as narrativas de mulheres chefes executivas de diferentes países para compreender como elas atuam com o discurso da gestão da diversidade.</p> <p><b>Paludi, Mills, Helms e Mills (2021)</b> utilizam teorias feministas decoloniais para analisar as grandes narrativas da Pan American Airways acerca das pessoas da América Latina.</p>
Gestão Internacional	<p><b>Faria, Ibarra-Colado e Guedes (2010)</b> relacionam a disciplina de Relações Internacionais (RI) com Gestão Internacional (GI) e traçam possibilidades de construir uma perspectiva decolonial que desafia o “centro” e que tem implicações para o ensino, a pesquisa e prática em GI e RI na América Latina.</p> <p><b>Imasato (2010)</b> discute os conceitos de legitimidade e ilegitimidade na GI. O autor aponta para a colonialidade epistêmica que pode estar subjacente à literatura de GI e seus impactos na constituição do mercado de etanol brasileiro.</p> <p><b>Alcadipani e Faria (2014)</b> apontam para a importância do combate da marginalidade latino-americana nos negócios internacionais e o papel de revistas internacionais na abertura de diálogos para novas questões e temas.</p> <p><b>Yousfi (2021)</b> revela que as abordagens pós-colonial e decolonial em gestão internacional possibilitam uma análise das condições materiais e culturais nas quais a gestão internacional opera, é difundida, interpretada e implementada.</p>
História crítica das organizações	<p><b>Wanderley (2015)</b> parte de uma perspectiva histórica crítica decolonial e relaciona EOR com os estudos da dependência e a CEPAL para promover alternativas frente à ordem neoliberal.</p> <p><b>Wanderley e Barros (2019)</b> apontam que a virada histórica na área de organizações não promoveu a inclusão de autores, teorias, conceitos, objetos e temas de outras geografias. Os autores defendem o projeto decolonial pode fomentar um campo e uma agenda de pesquisa mais plural.</p> <p><b>Perez-arrau, Espejo, Mandiola, González e Toro (2020)</b> constroem uma narrativa histórica do Grupo Chileno de EOR a partir de uma visão decolonial e apontam para diferentes processos históricos que constituíram os EOR no Chile.</p> <p><b>Silva e Santos (2021)</b> propõem uma abordagem histórica decolonial polifônica para os estudos em gestão com o intuito de refletir sobre as possibilidades de aprimoramento da teoria das organizações, ressaltando a preocupação metodológica com a polifonia nos estudos históricos.</p>
Gestão universitária e ensino em administração	<p><b>Carvalho Filho, Ipiranga e Faria (2017)</b> pesquisaram sobre as possibilidades de aplicação da crítica decolonial no ensino em administração na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Basileira (Unilab).</p> <p><b>Bizarrria, Tassigny, Barbosa e Freire (2020)</b> caracterizam a Unilab como um projeto inovador sob a perspectiva epistemológica decolonial.</p> <p><b>Omodan (2021)</b> reflete sobre a dicotomia aluno-gestão no sistema universitário nigeriano. Sob a lente decolonial o autor formula uma estratégia para aprimorar a gestão de crises envolvendo estudantes e autoridades universitárias.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesta seção apresentamos de maneira condensada os principais resultados da RS. Esta estratégia de pesquisa possibilitou uma busca organizada e a análise das principais características de cada artigo retornado. No próximo subcapítulo iremos refletir sobre o problema da pesquisa e discutir os principais achados na literatura.

#### **4. Discussão: Administração Desnorteada?**

No contexto de globalização e geopolítica do conhecimento, podemos perceber o predomínio de conhecimento em administração gerado no hemisfério norte, mesmo nas áreas que se propõem como críticas (Rosa & Alves, 2011; Abdalla & Faria, 2017; Wanderley & Barros, 2019). A presença e influência estadunidense na produção e reprodução de conhecimento revela a americanização intencional no ensino em Administração no Brasil desde a constituição dos primeiros cursos da área no país, tendo em vista que as primeiras escolas de administração no Brasil são oriundas de iniciativas político-ideológicas estadunidenses (Wanderley & Barros, 2019). Isso se traduz em um ensino de caráter técnico-funcionalista que reproduz de maneira acrítica modelos importados do Centro (Carvalho Filho et al., 2017).

Ao retornamos a pergunta provocativa no título deste trabalho, poderíamos, após a apresentação dos resultados da RS e sem querer dar um veredito final a um tema emergente, trazer três respostas: Não, sim e uma terceira que desenvolveremos mais à frente. A resposta negativa leva em consideração os artigos que constata a hegemonia estadunidense na área, a consequente colonialidade do conhecimento e o atual quadro de acirramento e aumento das desigualdades e assimetrias em escala global (Abdalla & Faria, 2017). A colonialidade também se manifesta ao observarmos o ranque dos periódicos para pesquisadores brasileiros e constatarmos que estes acabam por ser quase obrigados a publicar em inglês e em periódicos internacionais para conseguir maiores pontuações (Wanderley, 2015). Esta imposição se estende à adoção do inglês como língua oficial para aulas em alguns programas da área de Administração no Brasil, indicando um lugar de privilégio e impedindo a diversidade (Teixeira et al., 2021).

O contexto sócio-histórico na construção do conhecimento acaba por ser negligenciado pelos modelos universais que naturalizam os processos administrativos, de gestão e os fenômenos organizacionais nas teorias administrativas consideradas hegemônicas (Couto et al., 2019). As consequências disto são as perdas geo-históricas de diversos tipos de conhecimento no mundo acadêmico e no campo da Administração. O pedestal de arrogância em que se coloca a epistemologia do Centro hierarquiza e oblitera saberes ‘outros’, ao mesmo tempo em que a modernidade eurocêntrica se vê um dilema, ao não conseguir oferecer soluções a um mundo global em crises sucessivas (Carvalho Filho et al., 2017).

A resposta positiva leva em conta o cenário de possibilidades apresentado pelos resultados da RS na construção de agendas de pesquisa não subalternizadas ao Norte e da quantidade crescente de vozes que se engajam e optam pela pluriversalidade proporcionada pela perspectiva decolonial (Faria & Wanderley, 2013). Esta tem empreendido um esforço em reconhecer a existência de saberes tradicionais locais anteriormente silenciados. Silva e Guedes (2017) apontam a ética do Buen Vivir como uma forma de resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico neoliberal de desenvolvimento. As reformas constitucionais que introduziram o Buen Vivir em países andinos como Bolívia e Equador podem ser compreendidas como um ato simbólico e concreto de resistência do Sul ao domínio do Norte. Além de dar voz aos saberes locais e tradicionais, a perspectiva decolonial tem aberto o diálogo com “conhecimentos e práticas desenvolvidos por movimentos sociais, especialmente os feministas (e) negros, para propormos uma agenda transformadora para a Administração” (Teixeira et al., 2021, p. 6).

A valorização do pensamento social local é outra característica encontrada na RS. Wanderley e Bauer, (2020) entendem que o campo de EOR pode beber na fonte das Ciências Sociais com vistas a expandir as alternativas epistemológicas e desafiar o pensamento euro-estadunidense quando colocado como possibilidade única. Os autores trazem um abordagem inovadora ao introduzir as possibilidades que o conceito de perspectivismo ameríndio, do etnólogo brasileiro Viveiros de

Castro, oferece aos EOR. Autores tradicionalmente citados na área da Administração, como Guerreiro Ramos e Celso Furtado (Martins et al., 2013), também podem ser inseridos na discussão. Bauer, Faria e Wanderley (2019) revelam, sob a perspectiva *border thinking*, as interseções das contribuições de Guerreiro Ramos e Celso Furtado no período que antecedeu o golpe empresarial-militar de 1964 no Brasil com as abordagens latino-americanas na área dos EOR. Soma-se a este grupo o trabalho de Silva et al. (2020), que apresentam o escritor Josué de Castro e a contribuição de suas obras *Geografia da Fome* e *A Estratégia do Desenvolvimento para a opção decolonial dentro dos EOR*, evidenciando o alinhamento intelectual do autor com as realidades locais.

Ao questionar os aspectos históricos que evidenciam a hegemonia do conhecimento euroestadunidense, a perspectiva decolonial desvela que os discursos e narrativas sobre organizações envolvem escolhas sobre as ênfases e omissões do que vai ser narrado (Perez-Arrau et al., 2020). O movimento de virada histórica em EOR ocorrido em meados dos anos 2000 abriu espaço no mundo anglo-saxão para um compromisso crítico com a história das organizações, porém Wanderley e Barros (2018) questionam a ausência de autores e temas da América Latina neste contexto. Os autores defendem que, para desvendar histórias locais, precisamos fazer uso de lentes locais, assim, uma virada histórica que não abarca o pensamento local não representa relevância. É esta lógica presente em Wanderley (2015) ao utilizar os estudos e conceitos da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para compreender o subdesenvolvimento da região e debater a importância deste órgão na transformação da realidade socioeconômica latino-americana.

Mesmo em disciplinas intimamente ligadas ao *mainstream* da gestão, como o marketing, é possível produzir conhecimento crítico reflexivo. A abordagem da base da pirâmide é um importante projeto global para o alívio da pobreza em gestão e marketing, porém, Faria e Hemais (2017) examinam como esse movimento com foco nas economias emergentes reforçou o lado mais sombrio da modernidade e do neoliberalismo. Os autores apontam como alternativa uma extensa gama de hibridismos decoloniais antipobreza subinvestigados e sub-representados nos estudos do tema. Conectado a temas locais, o artigo de Hemais (2019) traça uma trajetória divergente em relação à criação do Código de Defesa do Consumidor brasileiro (CDC), analisando as influências eurocêtricas em sua criação e preenchendo uma lacuna de ‘amnésia’ sofrida pelo marketing ao não analisar criticamente a história da criação do CDC no Brasil. Influências eurocêtricas também são apontadas no Sistema Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária (Rodrigues & Hemais, 2020) e na Associação Brasileira de Defesa do Consumidor – PROTESTE (Hemais & Santos, 2020). Estes trabalhos revelam que a concepção do CDC e da PROTESTE foi moldada pelo Norte, visando mais a manutenção de uma hierarquia de poder entre o mundo eurocêntrico e o resto do mundo do que a defesa do consumidor em si.

A terceira resposta ao questionamento presente neste trabalho seria outra pergunta: sem Sul existiria Norte e vice-versa? Tal reflexão é importante, na medida em que nos artigos da RS podemos perceber que variadas possibilidades de transmodernidade pluriversal estão sendo construídas por acadêmicos e praticantes do Sul global, tomando como ponto de referência os saberes enunciados no próprio Sul, e também por diálogos Sul-Norte que propiciam caminhos globais (Mignolo, 2007a). Nesse sentido, entendemos que uma postura resistente ao eurocentrismo não deve ser baseada em projetos individuais ou com pesquisadores isolados que eventualmente ajudem a reforçar a perspectiva decolonial confrontacional (Abdalla & Faria, 2017). A perspectiva decolonial oferece, então, possibilidades em direção a um mundo pluriversal, em que a diversidade de compreensões econômicas, políticas, éticas e culturais podem coexistir (Farias & Hemais, 2017).

Desta forma, o exercício de dupla consciência, de se assumir uma epistemologia de fora, mas produzida no interior (Mignolo, 2005) é engajado por Bauer, Silva e Wanderley (2019) e Wanderley e Barros (2019). Ao conectarem uma agenda do lado interno da fronteira, inspirado no saber anglo-saxão com autores/teorias, conceitos, objetos e temas emanados do lado externo, do lócus de enunciação da América Latina, os autores geram um conhecimento externo por meio do interno, na fronteira do pensamento. No entendimento de Carvalho Filho et al. (2017), a perspectiva decolonial não objetiva a total

negação da “episteme” construída pela hegemonia eurocêntrica, mas sim “apontar máculas, omissões, verdades mal contadas, fraturas e violência da modernidade sobre os ‘outros’ e conhecimentos subalternizados” (Carvalho Filho et al., 2017, p.8). Assim, esses ‘outros’ ‘bárbaros’ de diferentes lugares do mundo obtêm a possibilidade de teorizar a partir de muitas fronteiras da diferença colonial/imperial (Alcadipani & Faria, 2014).

A possibilidade de construção de diálogos horizontais também é abarcada na perspectiva decolonial. Para Bizarria et al. (2020) a lente decolonial possibilita a construção de diálogos entre países de língua oficial portuguesa, muitos com experiências coloniais em comum, sendo um caminho para a consolidação de práticas acadêmico-formativas integradoras da diversidade cultural que levam em consideração a pluralidade de saberes. Além disso, a perspectiva decolonial é um projeto que pode mitigar a falta de capacidade comunicativa e organizacional dos países da América Latina no sentido da construção e fortalecimento de uma comunidade do Sul (Couto et al., 2019).

Em temas emergentes como o feminismo decolonial existe a valorização todos os conhecimentos e experiências vividas como iguais, em contraponto ao domínio das epistemologias masculina/branca/ocidental/burguesa. Isto fornece um novo quadro dentro da geopolítica do conhecimento, que exige respeito pela pluralização das diferenças. Desta maneira, a integração da teoria feminista decolonial aos EOR adiciona riqueza e complexidade à área (Manning, 2021). Em outras palavras, o feminismo decolonial propicia uma simetria de conhecimentos em que todas as culturas, nações e pessoas de todas as comunidades tenham direito de ser diferentes precisamente porque todos são considerados iguais (Paludi, et al., 2021).

Ademais, os diálogos pluriversais podem auxiliar na mitigação do risco de cairmos na armadilha do paroquialismo, ao continuamos contando nossas próprias histórias para nós mesmos (Costa & Wanderley, 2021). Da mesma maneira, é preciso atenção para não cair na tentação de negociar nossos conteúdos ao promovermos a "tradução" de nossos temas, com objetivo de torná-los mais palatáveis ao público internacional. Portanto, para estarmos desnorteados, “devemos iniciar por nossos autores/teorias, conceitos e temas para articular com os similares internacionais” (Costa & Wanderley, 2021, p. 5).

## 5. Considerações Finais

Este trabalho partiu de um questionamento provocativo e reflexivo no qual se buscou encontrar, na literatura em administração, possibilidades para o uso da perspectiva decolonial. Nesse sentido, empreendemos uma RS com base na recomendação PRISMA (Moher et al., 2009) e que observou alguns critérios metodológicos adaptados da AMSTAR (Costa et al., 2015). Essa estratégia permitiu a busca e análise planejada e orientada dos 28 artigos selecionados. Constatamos autores pioneiros como Alexandre Faria, Sergio Wanderley e Marcus Hemais na articulação entre decolonialidade e administração, bem como a concentração de publicações em revistas nacionais e internacionais bem avaliadas nos critérios da CAPES, revelando a abertura de espaços de diálogo para as pesquisas na área.

Os 6 temas que emergiram na análise dos resultados da RS, “Novas perspectivas epistemológicas e/ou críticas em organizações”; “Marketing”; “Feminismo e Diversidade”; “Gestão Internacional”; “História crítica das organizações”; e “Gestão universitária e ensino em administração” mostraram como os pesquisadores tem obtido êxito em debater diversos temas sob a luz da perspectiva decolonial. Para isso, os principais conceitos decoloniais utilizados nestes artigos foram o border thinking (Mignolo & Tlostanova, 2006), geopolítica do conhecimento (Mignolo, 2005), colonialidade do poder, saber e ser (Lander, 2005; Quijano, 2005) e a transmodernidade (Dussel, 1993).

Ao refletirmos sobre o dilema da pesquisa e os resultados da RS, trazemos como contribuição teórica o entendimento de que o reforço da dicotomia Norte-Sul ou a posição essencialista radical não é o caminho apontado pelos pesquisadores envolvidos nos artigos analisados. Existe certa unanimidade nas pistas deixadas por estes trabalhos. É necessário resistir à subjugação do conhecimento local feita pela arrogância do conhecimento hegemônico moderno, de igual modo, se pensarmos em transformar o Sul em um novo ‘ponto zero’ - de onde emanará conhecimento para o mundo – estaríamos assumindo uma

postura tão arrogante quanto.

Como contribuição social, entendemos que a realização desta pesquisa poderá orientar demais pesquisadores interessados no estudo de sujeitos e organizações locais a partir de uma lente teórica que respeita epistemologias e conhecimentos outros, contribuindo para uma melhor compreensão dos tipos de gestão próprios de regiões periféricas e semiperiféricas na América Latina — e, conseqüentemente, do Brasil —, formas de gestão essas que, sob a ótica das principais teorias e práticas de gestão oriundas do norte global, tendem a ser compreendidas como imperfeições daquelas (Ibarra-Colado, 2006).

Assim, desnortear é, então, desvincular o Norte da posição de ponto de referência, porém sem ignorá-lo. Sob a luz da redução sociológica proposta por Guerreiro Ramos (1996), desnortear é entender que, “toda produção científica estrangeira é, em princípio, subsidiária” (p. 83). O desafio do contexto de globalização e internacionalização da gestão nos leva a exercitar a dupla consciência, que captura o dilema de subjetividades formadas na diferença colonial, experiências de quem viveu e vive a modernidade na colonialidade (Mignolo, 2005). Desta maneira, as possibilidades apresentadas pelos artigos desta RS estão conectadas com a construção de diálogos Sul-Norte, e da concepção de transmodernidade (Dussel, 1993), que atravessa todas as culturas e conhecimentos de maneira simétrica.

A RS proposta fez um retrato temporal de uma área que está em constantes transformações, assim, não pretendemos dar um veredito final sobre o futuro dos estudos decoloniais em administração, mas apresentar os resultados, reflexões e contribuições teóricas que entendemos necessárias para a expansão das possibilidades.

Para futuras pesquisas, sugerimos a ampliação do escopo com o aprofundamento das temáticas que estão sendo exploradas pelos estudiosos apresentados nesta pesquisa, assim como novos temas e conceitos, haja vista que os resultados indicaram ser possível a construção de pontes entre perspectivas críticas e o *mainstream* da gestão. Estimulamos também a ampliação do aporte decolonial na administração por meio da utilização do pensamento social brasileiro para a investigação dos fenômenos administrativos locais.

## Referências

- Abdalla, M. M., & Faria, A. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cadernos Ebape. br*, 15, 914-929.
- Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2010). O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do Borat Brasileiro. *Revista de administração de Empresas*, 50(4), 371-382.
- Alcadipani, R., & Faria, A. (2014). Fighting Latin American marginality in 'international' business. *Critical Perspectives on International Business*, 10(1-2), 107-117.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11, 98-97.
- Bauer, A. P. M., Silva, V. F., & Wanderley, S. E. D. P. V. (2019). Decolonialidade, border thinking e organizações: as contribuições de Guerreiro Ramos e Celso Furtado. *Cuadernos de Administración*, 32(58), 1-15.
- Bertero, C. O., & Caldas, M. P. (2005). *Produção científica em administração no Brasil: o estado da arte*. Atlas.
- Bernardino-Costa, J. (2018). Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Sociedade e Estado*, 33(1), 117-135.
- Bizarria, F. P. D. A., Tassigny, M. M., Barbosa, F. L. S., & Freire, J. C. D. S. (2020). Inovação em gestão universitária no campo decolonial: estudo do suporte normativo de uma universidade de integração internacional. *Organizações & Sociedade*, 27(95), 855-879.
- Carvalho Filho, V., Ipiranga, A. S. R., & de Almeida Faria, A. (2017). (De) Colonialidade na educação em administração: Explorando limites e possibilidades. *Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, 25(47), 1-30.
- Costa, A. D. S. M. D., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50(3), 288-299.
- Costa, A. D. S. M. D., & Wanderley, S. E. D. P. V. (2021). Passado, presente e futuro de história (crítica) das organizações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 61(1), 1-18.

- Costa, A. B., Zoltowski, A. P. C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452.
- Couto, F. F., Honorato, B. E. F., & Silva, E. R. D. (2019). Organizações outras: diálogos entre a teoria da prática e a abordagem decolonial de Dussel. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(2), 249-267.
- Couto, F. F., Palhares, J. V., & Pádua Carrieri, A. (2020). Corrupção organizacional e uma justificação decolonial para as práticas de whistleblowing. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(3), 337-358.
- Dussel, E. (1993). *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Vozes.
- Faria, A., Ibarra-Colado, E., & Guedes, A. (2010). Internationalization of management, neoliberalism and the Latin America challenge. *Critical perspectives on international business*, 6(2), 97-115.
- Faria, A., & Wanderley, S. (2013). Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares. *Cadernos Ebape. Br*, 11(4), 569-587.
- Faria, A., & Hemais, M. (2017). Rethinking the bottom of the pyramid: A critical perspective from an emerging economy. *Marketing Theory*, 17(3), 271-287.
- Faria, A., & Hemais, M. (2020). Transmodernizing management historiographies of consumerism for the majority. *Journal of Business Ethics*, 1(19).
- Faria, A., Abdalla, M., & Guedes, A. (2021). Podemos Co-Construir um Campo de Gestão/Administração Engajado com a Maioria?. *Organizações & Sociedade*, 28(98), 549-581.
- Figueiredo, M. D. D., Marquesan, F. F. S., & Imas, J. M. (2020). Anthropocene and "development": Intertwined trajectories since the beginning of the great acceleration. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(5), 400-413.
- Hallinger, P. (2013). A conceptual framework for systematic reviews of research in educational leadership and management. *Journal of Educational Administration*, 51(2), 126-149.
- Hemais, M. W. (2019). Eurocentric influence on the Brazilian consumer defense code. *Journal of Historical Research in Marketing*, 11(2), 203-226.
- Hemais, M. W., & Santos, R. B. F. (2021). Understanding the Brazilian Consumerism Movement from a Decolonial Perspective: The Case of Proteste. *Journal of Macromarketing*, 41(2), 315-331.
- Ibarra-Colado, E. (2006). Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. *Organization*, 13(4), 463-488.
- Imasato, T. (2010). "Delinking legitimacy: a decolonial critique of Brazilian ethanol". *Critical perspectives on international business*, 6(2), 128-144.
- Irigaray, H. A. R., Celano, A., Fontoura, Y., & Maher, R. (2021). Resisting by re-existing in the workplace: A decolonial perspective through the Brazilian adage "For the English to See". *Organization*, Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/13505084211022666>
- Juncklaus, L. R., Bini, T. J., & Moretto, L. (2016). Independência ou Norte: reflexões sobre a influência do estrangeirismo no campo do conhecimento da administração no Brasil. *Cadernos EBAPE. BR*, 14(1), 47-60.
- Lander, E. (2005). Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In E. Lander (Org). *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO.
- Louredo, F. M., & Oliveira, T. C. (2021). Colonialidade e Marketing: Da Arrogância Hegemônica à Resistência Periférica. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 11(2), 115-131.
- Maldonado-Torres, N. (2008). La descolonización y el giro decolonial. *Tabula rasa*, 1(9), 61-72.
- Manning, J. (2021). Decolonial feminist theory: Embracing the gendered colonial difference in management and organisation studies. *Gender, Work & Organization*, 28(4), 1203-1219.
- Martins, P., Gurgel, C., Lima, D., Darbilly, L., Justen, A., & Santos, C. (2013). Referência aos clássicos interpretativos do Brasil no pensamento acadêmico contemporâneo sobre administração pública. In P. Martins & Gurgel. C (Orgs). *Estado, organização e pensamento social brasileiro*. Niterói: Eduff.
- Mignolo, W. D. (2005). Prophets facing sidewise: The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *Social Epistemology*, 19(1), 111-127.
- Mignolo, W. D. (2007a). 'Epistemic Disobedience': the de-colonial option and the meaning of identity in politics. *Gragoatá*, 12(22).
- Mignolo, W. D. (2007b). Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. *Cultural studies*, 21(2-3), 449-514.
- Mignolo, W. D., & Tlostanova, M. V. (2006). Theorizing from the borders: Shifting to geo-and body-politics of knowledge. *European Journal of Social Theory*, 9(2), 205-221.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS medicine*, 6(7), 1-9.
- Omodan, B. I. (2021). A Decolonial Strategy to Reconstruct Student-Management Relationships in a University System. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, 10(2), 10.
- Paludi, M. I., Barragan, S., & Mills, A. (2020). Women CEOs in Mexico: gendered local/global divide and the diversity management discourse. *critical perspectives on international business*, 17(1), 128-147.

- Paludi, M. I., Mills, J. H., & Mills, A. J. (2021). Histórias corporativas e a ideia da América Latina. *Revista de Administração de Empresas*, 61(1), 1-14.
- Perez-Arrau, G., Espejo, A., Mandiola, M., González, N. R., & Toro, J. P. (2020). Organizando los Estudios Organizacionales en Chile: Historia de la creación del Grupo Minga. *Revista de Administração de Empresas*, 60(2), 156-167.
- Quijano, A. (2005). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In E. Lander (Org). *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO.
- Ramos, A. G. (1996). *A redução sociológica*. UFRJ.
- Rodrigues, L., & Hemais, M. W. (2020). Influências eurocêntricas no Sistema Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária: pesquisa histórica sob uma perspectiva decolonial. *Cadernos EBAPE. BR*, 18, 794-806.
- Rodrigues, L. (2021). Decolonial Reflections in Marketing: The Colonialities of Power, Knowledge and Being. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 11(2), 92-114.
- Rosa, A. R., & Alves, M. A. (2011). Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? *Revista de Administração de Empresas*, 51(3), 255-264.
- Rosa, A. R. (2014). Relações raciais e estudos organizacionais no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, 18, 240-260.
- Santos, B. S. (2010). *Epistemologias do Sul*. Almedina.
- Sauerbronn, J. F. R., Cerchiaro, I. B., & Ayrosa, E. A. T. (2011). Uma discussão sobre métodos alternativos em pesquisa acadêmica em marketing. *Gestão e Sociedade*, 5(12), 254-269.
- Serva, M. (2017). Epistemologia da administração no Brasil: o estado da arte. *Cadernos Ebape. Br*, 15(4), 741-750.
- Silva, I., & Santos, E. C. D. (2021). Narrativa Histórica, Decolonialidade e Polifonia nos Estudos em Gestão: Uma Abordagem Teórico-Metodológica. *Brazilian Business Review*, 18(6), 679-699.
- Silva, W. M. (2019). Contribuições e limitações de revisões narrativas e revisões sistemáticas na área de negócios. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(2), 1-11.
- Silva, R. O., André, R. G., Wanderley, S. E. D. P. V., & Bauer, A. P. M. (2020). Josué de Castro e a colonialidade do poder, do ser e do saber: Uma contribuição para a opção decolonial em Estudos Organizacionais. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 15(1), 41-60.
- Silva, K. P. D., & Guedes, A. L. (2017). Buen Vivir Andino: resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento. *Cadernos EBAPE. BR*, 15(1), 682-693.
- Teixeira, J. C., Oliveira, J. S. D., Diniz, A., & Marcondes, M. M. (2021). Inclusão e diversidade na administração: manifesta para o futuro-presente. *Revista de Administração de Empresas*, 61(3), 1-11.
- Vergara, S. C., & Pinto, M. C. S. (2001). Referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira. *Revista de Administração Contemporânea*, 5(1), 103-121.
- Villegas, B. (2003). Rápida y pertinente búsqueda por internet mediante operadores booleanos. *Universitas Scientiarum*, 8, 51-54.
- Walsh, C. (2010). Interculturalidad crítica y educación intercultural. *Construyendo interculturalidad crítica*, 75(96), 167-181.
- Wanderley, S. (2015). Estudos organizacionais, (des)colonialidade e estudos da dependência: as contribuições da Cepal. *Cadernos EBAPE. BR*, 13(2), 237-255.
- Wanderley, S., & Barros, A. (2019). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 14(1), 79-97.
- Wanderley, S., & Barros, A. (2020). The Alliance for Progress, modernization theory, and the history of management education: The case of CEPAL in Brazil. *Management Learning*, 51(1), 55-72.
- Wanderley, S. E. D. P. V., & Bauer, A. P. M. (2020). "Tupi, or not Tupi that is the question": perspectivismo ameríndio e Estudos Organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, 60(2), 144-155.
- Yousfi, H. (2021). International management, should we abandon the myth of cultural hybridity? a re-examination of the contribution of postcolonial and decolonial approaches. *M@n@gement*, 24(1), 80-89.